



## **PERSPECTIVAS INTERCULTURAIS EM ESCOLAS DA FRONTEIRA DO MATO GROSSO (BRASIL) COM SANTA CRUZ (BOLÍVIA): OLHARES GEOGRÁFICOS**

INTERCULTURAL PERSPECTIVES IN SCHOOLS ON THE BORDER OF MATO GROSSO (BRAZIL) WITH SANTA CRUZ (BOLIVIA): GEOGRAPHIC VIEWS

PERSPECTIVAS INTERCULTURALES EN ESCUELAS EN LA FRONTERA DE MATO GROSSO (BRASIL) CON SANTA CRUZ (BOLIVIA): MIRADAS GEOGRÁFICAS

**Gabriel de Miranda Soares Silva**

Secretaria Municipal de Educação de Nova Mutum, Nova Mutum, Mato Grosso, Brasil, soares.ufmt@gmail.com.

**Resumo:** O mosaico territorial da fronteira do Mato Grosso (Brasil) com Santa Cruz (Bolívia) compõe um espaço repleto de diversidade cultural, de modo que esta diversidade é construída a partir da miscigenação sociocultural presente no Estado do Mato Grosso. A presença dos povos originários, povos afro-brasileiros e do colonizador, moldam os aspectos socioculturais presente neste espaço. Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar algumas perspectivas interculturais no espaço escolar na fronteira, de modo a analisar como as manifestações culturais observadas nos espaços de fronteira auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, em que o lugar da fronteira ganha destaque nos projetos educativos, destacando diversos elementos socioespaciais como as festas e danças, as quais podem direcionar as reflexões geográficas e a identidade dos estudantes. Como suporte metodológico utilizou-se de análise bibliográfica e documental, sendo também realizadas atividades de campo na área em estudo. Oportunizou-se a coleta de dados além de informações sobre os aspectos históricos, políticos, socioeconômicos e culturais dos espaços de fronteira. Assim sendo, a interculturalidade presente neste espaço ganha destaque nas práticas pedagógicas cotidianas, corroborando com as leis e normativas curriculares, contribuindo com a construção de uma cidadania ativa para os diferentes povos que habitam a fronteira.

**Palavras-chave:** Geografia; cultura; fronteira; Mato Grosso.



**Abstract:** The territorial mosaic of the border between Mato Grosso (Brazil) and Santa Cruz (Bolivia) makes up a space full of cultural diversity. This diversity is built on the sociocultural miscegenation present in the state of Mato Grosso, which includes the presence of native peoples, Afro-Brazilian peoples, and the colonizer, shaping the sociocultural aspects present in this space. In this sense, the aim of this article is to present some intercultural perspectives in the school space on the border, in order to analyze how the cultural manifestations observed in border spaces contribute to the teaching-learning process. Here, the border gains prominence in educational projects, highlighting various socio-spatial elements such as festivals and dances, which can guide the geographical reflections and the identity of the students. Bibliographical and documentary analysis was used as methodological support, and field activities were also conducted in the area under study, providing the opportunity to collect data and information on the historical, political, socio-economic, and cultural aspects of border areas. In this way, the interculturality present in this space gains prominence in everyday pedagogical practices, aligning with the laws and curricular regulations, and contributing to the construction of active citizenship for the different peoples who inhabit the border.

**Keywords:** Geography; culture; border; Mato Grosso.

**Resumen:** El mosaico territorial de la frontera entre Mato Grosso (Brasil) y Santa Cruz (Bolivia) es un espacio lleno de diversidad cultural, y esta diversidad se construye a partir del mestizaje sociocultural presente en Mato Grosso, la presencia de pueblos originarios, pueblos afrobrasileños y el colonizador, que configura los aspectos socioculturales presentes en este espacio. En este sentido, el objetivo de este artículo es presentar algunas perspectivas interculturales en el espacio escolar de la frontera, con el fin de analizar cómo las manifestaciones culturales observadas en los espacios fronterizos ayudan al proceso de enseñanza-aprendizaje, en el que el lugar de la frontera gana protagonismo en los proyectos educativos, destacando diversos elementos socioespaciales, como fiestas y danzas, que pueden orientar las reflexiones geográficas y la identidad de los alumnos. Como apoyo metodológico se utilizaron análisis bibliográficos y documentales, mientras que también se llevaron a cabo actividades de campo en la zona estudiada, lo que brindó la oportunidad de recopilar datos e información sobre los aspectos históricos, políticos, socioeconómicos y culturales de la zona estudiada. De esta forma, la interculturalidad presente en este espacio se pone de manifiesto en las prácticas pedagógicas cotidianas, corroborando las leyes y normativas curriculares, contribuyendo a la construcción de una ciudadanía activa para los diferentes pueblos que habitan la frontera.

**Palabras-clave:** Geografía; cultura; frontera; Mato Grosso.

## Introdução

Este artigo busca apresentar algumas perspectivas interculturais que se apresentam no espaço fronteiro de Mato Grosso (Brasil) com Santa Cruz (Bolívia), com ênfase em manifestações dessas perspectivas no espaço escolar. A abordagem caminhará sob uma perspectiva de análise do espaço fronteiro, “voltando-se principalmente para as percepções, cognições e representações de lugares [...] buscando uma abordagem cultural sobre o espaço e suas relações socioespaciais” (Amorim Filho, 1985, p. 10). De modo que o “olhar geográfico”, sob tal perspectiva de análise, buscará retratar alguns horizontes locais, do território e suas dimensões socioculturais (Claval, 2013).

O espaço fronteiro de Mato Grosso com a Bolívia possui cerca de 730 km, os quais se estendem por parte da região sudoeste do Estado, com 4 municípios lindeiros e 24 municípios que compõem a faixa de fronteira. As perspectivas interculturais neste espaço são múltiplas; e se configuram a partir da presença de diferentes etnias dos povos originários, afro-brasileira e miscigenação de culturas de ambos os países. A presença destas culturas no espaço fronteiro leva à escolha do conceito de “inter” culturalidade, que busca, “[...] contribuir com a superação de atitudes de medo e de indiferente tolerância frente ao “outro”, construindo atitudes positivas frente à pluralidade social e cultural” (Nascimento, 2014, p. 5).

Sob este prisma, o objetivo deste artigo é apresentar algumas perspectivas interculturais no espaço escolar na fronteira, de modo a analisar como as manifestações culturais observadas nos espaços de fronteira auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, em que o lugar da fronteira ganha destaque nos projetos educativos. Foram evidenciados diversos elementos socioespaciais, como as festas e danças, as quais podem direcionar as reflexões geográficas e a identidade dos estudantes.

A pesquisa caminha por meio de uma abordagem qualitativa, privilegiando a análise de processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais (Martins, 2004). Ainda foram realizados alguns levantamentos etnogeográficos, mesclando elementos de análises etnográficas e geográficas, buscando retratar informações das paisagens, a estrutura espacial e socioculturais da área em estudo (Paiva, 2024).

Como suporte metodológico, este artigo utilizou uma análise bibliográfica e documental em livros, teses e dissertações, artigos de periódicos científicos e documentos curriculares. Ainda foram realizadas atividades em campo entre setembro e outubro de 2023, no município fronteiro de Vila Bela da Santíssima Trindade, para a realização dos registros

fotográficos e entrevistas com professores que desenvolvem o trabalho na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, localizada na área urbana do município.

As entrevistas foram realizadas de forma aberta, buscando refletir sobre as manifestações culturais observadas na unidade escolar, de forma a efetivar a técnica da entrevista reflexiva, a qual busca “superar a relação assimétrica de pesquisador sobre pesquisado que, em geral, é reproduzida na maioria das entrevistas” (Menezes; Kaercher, 2017, p. 279). Os autores ainda evidenciam que a

[...] entrevista reflexiva considera esta técnica como um instrumento que pode propiciar a construção do conhecimento por meio do diálogo que é estabelecido entre entrevistador e entrevistado. Parte-se do pressuposto de que é necessário ultrapassar a visão de uma mera extração de informações do sujeito investigado.

Ademais, ainda são apresentados resultados da pesquisa de mestrado do autor (Silva, 2021), o qual versa sobre o ensino de Geografia em espaços da fronteira Oeste do Mato Grosso (Brasil) com Santa Cruz (Bolívia).

### **O espaço fronteiriço do Mato Grosso (Brasil) com Santa Cruz (Bolívia)**

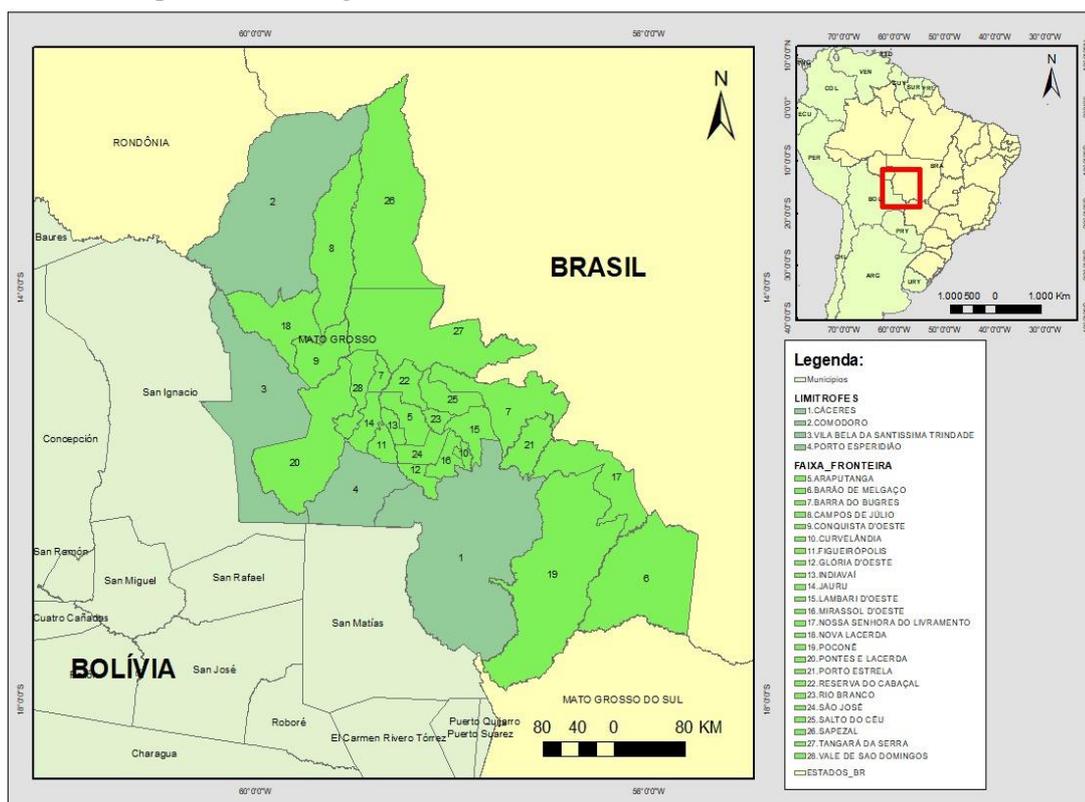
Em Mato Grosso, a faixa de fronteira com a Bolívia possui cerca de 730 Km, na qual 450 Km correspondem ao trecho central da linha divisória, constituída de linhas secas e 280 Km de corpos d'água (Souza-Higa, 2008).

A faixa de fronteira brasileira abrange quatro municípios lindeiros, ou seja, aqueles cujo território tem, como limite, a própria linha de fronteira, que são: Cáceres, Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade e Comodoro, e outros 24 municípios que compõe a da faixa fronteiriça<sup>1</sup>, como demonstra a Figura 1. No território boliviano, duas províncias encontram-se em condição limdeira, são elas Velasco e Angel Sandoval, ambas pertencentes ao departamento de Santa Cruz. A província de Velasco conta com os municípios de San Ignacio de Velasco, San Miguel e San Rafael; já a província de Angel Sandoval abrange somente o município de San Matias.

---

<sup>1</sup> No Brasil, a Constituição Federal de 1988, define que a faixa de fronteira nacional corresponde à área de 150 Km de largura, disposta ao longo da faixa limdeira (linha de fronteira) com os países vizinhos.

Figura 1 – Municípios lindeiros e de faixa da fronteira em Mato Grosso



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Brasil (2020).

Nessa área, se concentram cerca de 120 mil habitantes e 190 unidades escolares, distribuídas ao longo dos municípios lindeiros. Porém, se analisada a faixa de fronteira que se estende por 24 municípios da Região Sudoeste e Centro Sul do estado, esse número chega a 540 unidades escolares (Brasil, 2020).

5

Cabe destacar que os espaços escolares na fronteira recebem estudantes do país vizinho, tal qual aponta dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e do Ministério da Justiça e Segurança Públicos (MJSP) (Cavalcanti *et al.*, 2020), que evidenciam que diferentes municípios em Mato Grosso registraram matrículas de imigrantes em creches e escolas. No entanto, os municípios mais populosos e que compõem a faixa lindeira, como Cáceres, destacam-se ao receber essa população em maior número. Os dados dessas organizações ainda sublinham que, ao longo dos últimos anos, a média de imigrantes matriculados na educação básica no Brasil vem aumentando (Silva *et al.*, 2021).

Esses dados evidenciam o fomento de políticas educacionais nos espaços escolares fronteiriços, de modo que professores, gestores e a comunidade escolar possam acolher os estudantes imigrantes e oportunizar a vivência de outras práticas culturais no espaço escolar.

### Interculturalidade no espaço fronteiriço

O conceito de fronteira é compreendido de diferentes maneiras na ciência geográfica, de modo que a “[...] fronteira tem se tornado uma expressão multifacetada, polissêmica e ambígua pelos inúmeros significados e múltiplas escalas de manifestação que a tornam um caminho para a percepção, análise e vivência na contemporaneidade [...]” (Mondardo, 2018, p. 27). Deste modo, entendemos que o conceito de fronteira vai além de uma “linha” que “divide” ou “separa” nações, como aponta o conceito clássico de fronteira na Geografia tradicional.

Sob este prisma, as fronteiras “[...] emitem movimentos que suscitam formas diversas de distinção, diferenciação, tradução, gradação e regulação” (Raffestin, 2005, p. 11 *apud* Oliveira, 2022, p. 17), o que, garante especificidades e complexidade a esta condição geográfica, visto que tais movimentos são articulados de diferentes formas, partindo de organizações regionais, ancoradas na dinâmica do conjunto geral do território (Oliveira, 2022, p. 18).

Ao longo do processo de formação dos espaços fronteiriços do Brasil com a Bolívia, vários elementos culturais foram criados e recriados, mesclando componentes identitários dessas culturas. Especificamente, a fronteira do Mato Grosso (Brasil) com Santa Cruz (Bolívia) foi marcada por diferentes contextos socioespaciais que a difere dos demais espaços fronteiriços da Bolívia com o Brasil.

O mosaico territorial da zona de fronteira mato-grossense apresenta características socioculturais distintas, que pode ser caracterizada pela presença de povos originários da etnia Chiquitano, que ocupam a região sudoeste do Estado. Para Caetano e Silva (2015, p. 232),

A etnia Chiquitano tem sua formação étnica-cultural a partir do século XVI, no período colonial, resultante das reduções de diferentes etnias pelas Missões Jesuítas nos *pueblos misionales*. Contudo, outros movimentos históricos influenciaram as mudanças culturais que hoje marcam a identidade Chiquitano, concentrados, principalmente, no século XIX, período em que se deram a formação dos Estados Republicanos da Bolívia e, posteriormente, do Brasil, e no período mais recente, marcado pela expansão agropecuária [...].

No contexto fronteiriço, a presença da etnia Chiquitana apresenta elementos identitários de uma cultura híbrida, com características brasileiras e bolivianas. Outra presença marcante no espaço fronteiriço é a cultura afro-brasileira que foi trazida como herança dos povos escravizados africanos (Machado, 2008). A miscigenação destes elementos

culturais se manifesta na fronteira de diferentes formas através de festas, danças, cantos e culinária.

### Perspectivas Curriculares

O currículo nas escolas da fronteira deve levar em consideração a pluralidade cultural presente nesse espaço, já que, nessa área, é possível observar as várias nuances culturais dos povos que a habitam, assim sendo, os documentos curriculares devem apresentar essas características. Desde a edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 1997, a pluralidade cultural possui como objetivo:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Brasil, 1997, p. 6).

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) salienta uma perspectiva intercultural do documento, com vistas a:

Considerar seus projetos educativos, suas cosmologias, suas lógicas, seus valores e princípios pedagógicos próprios (em consonância com a Constituição Federal, com as Diretrizes Internacionais da OIT – Convenção 169 e com documentos da ONU e Unesco sobre os direitos indígenas) e suas referências específicas, tais como: construir currículos interculturais, diferenciados e bilíngues, seus sistemas próprios de ensino e aprendizagem, [...] (Brasil, 2018, p. 17-18).

A interculturalidade é destaque para a reflexão da educação nos espaços de fronteira, já que esse conceito enfatiza as práticas sociais nas diferentes manifestações nesse espaço. Na educação, ganha um espaço privilegiado, já que o fluxo de pessoas ganha realce no planejamento dos projetos educativos desenvolvidos pelos professores (Costa, 2021, p, 164). Neste sentido,

[...] os alunos formados se transformam em cidadãos ativos para converter a fronteira em um espaço democrático de cooperação. Um cidadão sensível à interculturalidade que, ao longo do seu percurso escolar, tenha experimentado diferentes situações de contato com a outra cultura, permitindo-lhe gerar critérios amplos e tolerantes perante a diversidade (Brasil, 2008b, p. 21).

Não basta apenas uma menção da interculturalidade no currículo, mas a efetiva prática nas mudanças na postura pedagógica dos professores no espaço escolar (Silva, 2010), essas

questões estão associadas ao saber fazer do professor, que não se limita a questões curriculares, o seu saber deve também ser considerado, já que ele dinamiza o cotidiano escolar. Silva (1995, 2001) assinala:

O currículo é um espaço tencionado de forças culturais e políticas, não está pronto e posto para ser cumprido, ele é construído na medida em que os sujeitos se envolvem, se entrelaçam e se comprometem na construção dos conhecimentos necessários para a sobrevivência do grupo social.

O professor busca promover uma organização curricular pela realidade vivida dos estudantes, os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as práticas espaciais dos estudantes também justificam uma delimitação ou definição de temas e assuntos que serão trabalhados ao longo do processo de ensino aprendizagem (Kimura, 2020).

No espaço escolar estas manifestações interculturais são pautadas com maior frequência a partir da promulgação da Lei nº 10.639 de 2003, a qual inclui no currículo oficial de todos os estabelecimentos de ensino o ensino da cultura e história afro-brasileira, de forma transversal, em todos os componentes curriculares da educação básica no Brasil. Em 2008, esta lei foi modificada entrando em vigor a Lei nº 11.645, a qual inclui no currículo além das temáticas afro-brasileira, as questões da história e cultura indígena (Brasil, 2003, 2008a).

O espaço escolar é repleto de nuances e pluralidades, um espaço multicultural, de modo que é possível identificar que esse espaço na comunidade serve como base para a luta da legitimidade e configura-se como um território de (re)existências. Santos (2016, p. 67) ainda frisa que “pensar a escola na fronteira é pensar na dinâmica do encontro de histórias de vidas e fluxos de ideias, de práticas, de projetos, de políticas e de culturas, é perceber realidades distintas que se entrelaçam em um espaço geográfico comum”.

Sob esse contexto, a escola fronteiriça se torna um espaço privilegiado para compreender a diversidade socioterritorial, entre esses diferentes grupos, os quais ali se encontram. Assim, faz-se necessária a análise sob o contexto escolar e se essas práticas desempenham o papel de ressaltar essas características.

### **A Interculturalidade no Espaço Escolar**

Como já destacado, a cultura mato-grossense é constituída de elementos étnico-culturais que também moldam a cultura brasileira. A presença dos povos originários, dos povos africanos e do colonizador, a qual configura a cultura nacional e mato-grossense se manifesta no espaço de fronteira com diferentes características. Neste sentido, estas dinâmicas interculturais dão-se,

[...] a partir de um interesse por entender as dinâmicas comunitárias e distinguir-se a partir da possibilidade de sua apropriação e isso, a sua vez, leva a uma reação que fortalece os elementos comunitários como a pertença, identidade e necessidade de reproduzir as práticas no entorno imediato (Vecino, 2016, p. 42).

Pautados nos documentos curriculares e na legislação citada, os projetos educativos desenvolvidos em escolas fronteiriças apresentam tais características culturais observadas no espaço, destacando diversos elementos socioespaciais, os quais podem direcionar as reflexões geográficas e as identidades destes estudantes, de modo que, “[...] o estudo do lugar e o discernimento pelo aluno, de que pertence a ele favorece a compreensão de sua identidade” (Costela; Schaffer, 2012, p. 53).

Durante a realização de atividades de campo para a pesquisa, as quais aconteceram em setembro de 2023, durante a realização de um evento na Escola Estadual Quilombola Verena Leite de Brito, foram observadas diferentes manifestações culturais. Entre elas se destacam as danças que são apresentadas por estudantes fronteiriços, as quais acontecem em diferentes momentos festivos na fronteira, possuem diversas origens, que partem do processo de construção da cultura e de uma identidade regional de povos fronteiriços, já que, mesclam diversas identidades étnicas presente neste espaço. Nesta perspectiva, Serpa (2006, p. 10), frisa que “[...] o trabalho de campo em Geografia deve perseguir, portanto, a ideia de particularidade na totalidade, abandonando de modo enfático a ideia de singularidade [...]” nos diferentes espaços de pesquisa.

No contexto da escola da fronteira, foi possível constatar que os professores buscam apresentar as representações históricas das festas e danças que acontecem neste espaço, de modo que estudando as manifestações culturais do lugar os processos de ensino-aprendizagem ganham sentido. Eles passam a demarcar espaço nos programas curriculares da escola e nas práticas pedagógicas destes profissionais, que buscam organizar o trabalho docente de forma transdisciplinar, em que os objetivos de aprendizagens atravessam os componentes curriculares e são alcançados de forma integrada ao longo do processo de ensino-aprendizagem (Morin, 2000).

### **Dança do Congo e Chorado**

No município de Vila Bela da Santíssima Trindade acontece a manifestação cultural conhecida como “Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade”, em que em vários dias acontecem celebrações: ao Divino Espírito Santo, ao Glorioso São Benedito, à Gloriosa Mãe

de Deus e às Três Pessoas da Santíssima Trindade, sendo que a apresentação da Dança do Congo e Chorado acontecem durante a festa (Mato Grosso, 2023).

A Dança de Congo ou congada é uma manifestação afro-brasileira, que mescla elementos do sincretismo religioso “católico africano”, “[...], pois é possível ver nelas elementos das práticas africanas junto à devoção a figuras promulgadas pela igreja católica como Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito” (Vecino, 2016, p. 50). A autora ainda retrata o contexto histórico da Dança do Congo.

A Dança do Congo é uma prática centenária que consiste na representação de um enfrentamento entre dois reinos africanos. Trata-se da luta entre o Reino do Congo e o Reino da Bamba por causa do descumprimento do primeiro em relação à entrega da mão de sua filha para o segundo. A reação do rei de Bamba é enviar seu secretário de guerra e seus soldados com a mensagem de que, se não houver cumprimento da promessa, desatara-se uma guerra (Ibidem, p. 60).

Machado (2008, p. 10) destaca que a Dança do Congo é um teatro popular em homenagem a São Benedito, uma forma de simbiose cultural que mescla elementos da cultura negra, indígena e do colonizador, “[...] uma representação das antigas lutas entre os reinos da grande família linguísticas banto em torno das epopeias angola-congolesas”.

Silva, *et al.* (2005) evidenciam que os principais personagens da apresentação da Dança do congo em Vila Bela são: o rei do Congo, seu secretário e seu filho Canjinjim, o embaixador do rei de Bamba e os vinte e quatro dançantes, incluídos os músicos e tocadores de tambor, ganzá e viola de cochomão. Romancini (2019, p. 44) ainda destaca que, “[...] o ritual da dança do Congo consiste em um cortejo, tendo os festeiros à frente, junto com o rei do Congo, o secretário e o príncipe Canjinjim. Os personagens se diferem pelas vestes”.

No espaço escolar buscou-se reproduzir a dança chamando-a de Dança do Conguinho, de modo que os personagens, as falas, o modo de dançar e o figurino são reproduzidos pelos estudantes, como pode-se observar na Figura 2.

10

Figura 2 – Dança do Conguinho



Fonte: acervo do autor (2023).

Outra importante manifestação cultural fronteiriça é a dança do Chorado, que também acontece durante a realização da Festa de Vila Bela, e é tradicionalmente realizada por mulheres, conforme estudos realizados por Moura (2019, p. 212-213). O autor enfatiza que a dança do Chorado é,

[...] uma genuína forma de expressão afro-brasileira. Constituía ela em um artifício, criado pelas mães e pelas esposas escravas, para distrair os senhores, quando seus filhos ou esposo eram aprisionados e severamente castigados. Em dias de encenações, elas se produziam elegantemente e dançavam equilibrando uma garrafa na cabeça. Amarravam um lenço no pescoço de seus senhores, como maneira para agradá-los e, em momentos oportunos, faziam seus pedidos de alívio e até de liberdade dos filhos e esposos prisioneiros. [...] O nome “Chorado” vem do choro, sofrimento, pois, ao invés de chorar elas dançavam enquanto expressão de dor.

Na Figura 3 é possível observar a representação da dança do Chorado, que na escola foi denominada Dança do Choradinho.

Figura 3 – Dança do Choradinho



Fonte: acervo do autor (2023).

Os professores de diferentes componentes curriculares buscaram trabalhar os elementos da dança dentro de suas práticas pedagógicas cotidianas, de modo que, ao colocar as danças em destaque, os professores acabavam ressaltando um elemento da cultura local, evidenciando além do contexto sociocultural, outros elementos como o as letras das canções, os ritmos dos sons e elementos teatrais e cênicos dos diversos atos da dança. Neste contexto, Cavalcanti (2015, p. 13) frisa que apesar de o professor ser agente ativo no processo de seleção, estruturação e abordagens destes temas na escola e na sala de aula, os estudantes são agentes protagonistas, pois “o aluno é sujeito ativo, com histórias de vida, conhecimentos anteriores [...]. É esse aluno com toda a sua corporeidade que ocupam sua praticas, com emoções e sua cognição [...]”. Deste modo, os estudantes se tornam protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, corroborando com as práticas socioespaciais locais.

Especificamente, ao tratar do ensino de Geografia, a autora ressalta que as práticas cotidianas de professores implicam no mínimo ter conhecimentos de três elementos, “as características/ peculiaridades próprias do ato de ensinar, a matéria a ser ensinada e o sujeito (aluno) para qual se vai ensinar” (Ibidem, 2015, p. 13). Neste contexto, as manifestações culturais presenciadas nos espaços escolares de fronteira envolvem tais elementos, dando protagonismo aos estudantes, os quais são envolvidos a estas manifestações nos diversos espaços e diferentes contextos na escola da fronteira.

Durante as entrevistas os professores destacaram que, ao realizarem resgates dos elementos culturais da fronteira ao longo do processo de ensino-aprendizagem, os estudantes acabam se reconhecendo no contexto socioespacial, e (re)criando uma identidade cultural, contribuindo para um exercício de cidadania dos diferentes povos que habitam o espaço

fronteiriço. Dessa forma, a Geografia da escola torna-se a Geografia da(s) fronteira(s), dando significado aos saberes dos estudantes e aos conceitos apresentados em sala de aula. De modo a promover tais ações os processos educativos extrapolam os territórios da escola, promovendo um ensino de Geografia que repercute na vida cotidiana, compreendendo não só conceitos da ciência, mas os valores da cidadania, que serão incorporados na sociedade, promovendo o respeito à diversidade encontrada nesse espaço (Silva, 2021).

### Considerações Finais

As perspectivas interculturais são múltiplas no contexto do espaço fronteiriço, sendo que estas manifestações acontecem de diversas formas e são moldadas ao longo do tempo pelas novas gerações. Na escola, ganham *lócus* privilegiado, em que os professores buscam, por meio dos projetos escolares, apresentar o contexto socioespacial, já vivenciado no cotidiano dos estudantes, além de reproduzir as danças e manifestações culturais de modo que estas auxiliem nos processos de ensino-aprendizagem.

Cavalcanti (2010, p. 6) salienta que com o lugar “pode-se atribuir maior sentido ao que é estudado, permitindo que se façam relações entre a realidade e os conteúdos escolares”. Deste modo, o ensino de Geografia na fronteira deve levar em consideração os conceitos estruturantes do espaço geográfico, as especificidades desse espaço, valorizando os sujeitos que compõem a fronteira, onde ao reproduzirem as manifestações culturais da fronteira, acabam fortalecendo os elos de identidade com o lugar.

No entendimento de Silva (2021) a leitura do espaço geográfico da fronteira deve ser subsidiada pelo conjunto de elementos que compõem este espaço, de modo que cabe aos professores apresentarem as manifestações culturais dentro de suas práticas pedagógicas cotidianas, as quais a cultura regional ganha destaque nos projetos escolares; e são apresentadas no contexto escolar, a fim de contribuir para a compreensão de uma sociedade diversa.

As ações interculturais ainda corroboram com as abordagens geográficas do contexto da escola na fronteira, além de fortalecer as normativas dispostas nas leis e diretrizes curriculares que demandam o ensino de cultura indígena e afro-brasileira, demonstrando a diversidade cultural na prática, fortalecendo a construção de uma cidadania ativa para os diferentes povos que habitam a fronteira.

## Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *Reflexões Sobre as Tendências Teórico- Metodológicos da Geografia*. Belo Horizonte: IGC-UFMG, 1985, p. 1-22.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008a*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008a. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 10 out. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Programa Escolas Bilingues de Fronteira*. Brasília: MEC, 2008b. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf). Acesso em: 12 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão homologada. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *IBGE Cidades*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. de 2020.

CAETANO, Edson; SILVA, Marília de Almeida. O Povo Chiquitano: Cultura, experiência de luta e resistência no Estado de Mato Grosso. *REU*, Sorocaba, SP, v. 41, n. 2, p. 231 – 246, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2426>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais*. Belo Horizonte, 2010. p. 1-16. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide (orgs.). *A Cidade e seus Jovens*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 13-30.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; MACEDO, Marília F. R. de (orgs.). *Imigração e Refúgio no Brasil*. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. *Confins*, Paris, n. 17, 2013, p. 1-25.

COSTA, Denildo da Silva. Educação de fronteira Brasil e Bolívia, diagnóstico em Vila Bela da Santíssima Trindade – Mato Grosso. In: MACHADO, Andreia de Bem; LÚCIO, Vera Regina (orgs.). *Escola, currículo e tecnologia: desafios e possibilidades para a prática pedagógica*. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

COSTELA, Roselene Zordan; SCHAFFER, Neiva Otero. *A Geografia em Projetos Curriculares: Ler o lugar e compreender o mundo*. Erechim: Edelbra, 2012.

Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba – FundArt. *Dança da Fita: história e tradição*. Disponível em: <https://fundart.com.br/danca-da-fita-historia-e-tradicao/>. Acesso em: 20 out. 2023.

KIMURA, Shoko. *Geografia no Ensino Básico: Questões e propostas*. 2. ed., 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. Território, Culturas e Identidades Negras em Mato Grosso. In: MACHADO, Maria Fátima Roberto (org.). *Diversidade Sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008. p. 42-67.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MATO GROSSO. Secretária de Estado de Cultura, Esporte e Lazer. *Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade segue até segunda-feira (24)*. Disponível em: <https://www.secel.mt.gov.br/-/festan%C3%A7a-de-vila-bela-da-sant%C3%ADssima-trindade-segue-at%C3%A9-segunda-feira-24-#:~:text=A%20Festan%C3%A7a%20de%20Vila%20Bela%20da%20Sant%C3%ADssima%20Trindade%20%C3%A9%20realizada,lembrar%20os%20antepassados%20na%20%C3%81frica>. Acesso em: 29 out. 2023.

MENEZES, Victória Sabbado; KAERCHER, Nestor André. Trajetórias metodológicas de uma pesquisa em ensino de geografia: uma análise das concepções teóricas e da epistemologia da prática do professor de Geografia. In: PESSOA, Vera Lucia Salazar; RUCKER, Aldomar Arnaldo; RAMIRES, Julio Cesar de Lima (orgs.). *Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2017.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MONDARDO, Marcos Leandro. *Territórios de Trânsito: Dos conflitos entre Guarani e Kaiowá, paraguaios e “gaúchos” à produção de multi/transterritorialidades na fronteira*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

MOURA, Edenilson Dutra de. A Dança do Chorado: Expressão da identidade negra e feminina em Mato Grosso. In: ROMANCINI, Sônia Regina. (org.). **Cultura e Representação: diferentes imagens e linguagens na Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Editora e Gráfica Print, 2019. p. 211-234.

NASCIMENTO, André Marques do. Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue. *Sures*, Foz do Iguaçu, v. 1, p. 1-19, 2014.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Complexidade da Fronteira: Argumentos provisórios. *Revista GeoPantanal*, Corumbá, n. 33, p. 17-32, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/17672>. Acesso em: 30 mai. 2022.

PAIVA, Daniel. *Manual de Métodos Qualitativos em Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2024.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 9-15.

ROMANCINI, Sônia Regina. Paisagens Culturais na Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade. In: ROMANCINI, Sônia Regina (org.). *Cultura e Representação: diferentes imagens e linguagens na Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Editora e Gráfica Print, 2019. p. 17-54.

SANTOS, Zuila Guimarães Cova dos. *Interações e Representações Sociais: um estudo do espaço escolar em Guajará-Mirim (RO), na fronteira do Brasil com a Bolívia*. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SERPA, Ângelo. O Trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 84, jul. 2006.

SILVA, Gabriel de Miranda Soares Silva; SOUZA-HIGA, Tereza Cristina Cardoso de; NORA, Giseli Dalla. O Ensino de Geografia na Fronteira Oeste do Mato Grosso (Brasil) com San Matías (Bolívia): Práticas curriculares e propostas pedagógicas. *Revista Casa da Geografia de Sobral*. Sobral, v. 23, p. 392-414, out. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35701/rcgs.v23.806>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SILVA, Gabriel de Miranda Soares. *O Ensino de Geografia na Fronteira Oeste do Brasil com a Bolívia: Práticas curriculares e pedagógicas em escolas do município de Cáceres*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

SILVA, Josiane Rosa da; JESUS, Maria Sobrinha Souza de; CHRISTAN, Patrícia; RITTER, Sibeli; ROMANCINI, Sônia Regina. Os festejos do Senhor Divino Espírito Santo e São Benedito em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. *Revista Do Instituto Histórico E Geográfico De Mato Grosso*, Cuiabá, v. 63, p. 80–94, 2005. Disponível em: <https://revistaihgmt.com.br/index.php/revistaihgmt/article/view/243>. Acesso em: 28 out. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Territórios Contestados: O Currículo e os novos mapas políticos e culturais*. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

SILVA, Zenete Ruiz da. Educação e intercultura para além da fronteira. *Revista Espaço Pedagógico*, [s.l.], v. 17, n. 2, jul./dez. 2010, p. 211-222.

SOUZA-HIGA, Tereza Cristina Cardoso de. Diversidade territorial na área fronteira de Mato Grosso e Bolívia. In: SOUZA-HIGA, Tereza Cristina Cardoso de (org.). *Estudos regionais sul-americanos: sociocultura, economia e dinâmica territorial na área central do continente*. Cuiabá: EdUFMT, 2008. p. 13-32.

VECINO, Laura Marcela Serrano. *Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade: entre as dinâmicas imediatas e a interculturalidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2017.

---

Gabriel de Miranda Soares Silva

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui graduação em Geografia Bacharelado (2018) e Licenciatura (2019) ambos pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Docência no Ensino da Geografia (2020) pela Faculdade UniBF e Mestre em Geografia (2021) pela UFMT. Realiza pesquisas na área de Geografia Humana, com ênfase nas seguintes temáticas: Espaço Urbano; Cultura; Ensino de Geografia e Fronteira.

Endereço Profissional: Av. Mutum, n. 1250, Centro, Nova Mutum, Mato Grosso. Cep: 78.450-000

Email: soares.ufmt@gmail.com

---

Recebido para publicação em 15 de janeiro de 2024.

Aprovado para publicação em 15 de julho de 2024.

Publicado em 19 de julho de 2024.